

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de S. Paulo Class.: 11

Data: 04/09/75

Pg.: _____

Funai é acusada de abandonar os índios maxacalis

Da Sucursal de
BELO HORIZONTE

A incompreensão e as pressões das populações envolvidas — "desejosas de ocupar a terra dos índios por considerar que "índio bom é índio morto" — e a falta de apoio da Funai à sua administração foram apontadas, ontem, em Belo Horizonte, como os principais motivos da atual situação de miséria dos 500 índios maxacalis, que vivem em uma reserva perto do município de Bertópolis, em Minas, pelo ex-delegado da Funai, em Governador Valadares, o índio Juruna João Geraldo Itatuitim Ruas.

Dispensado do cargo de delegado no último dia 11 de agosto — substituído pelo coronel Clodomiro Bloise — quando começaram a surgir novas notícias de invasão de fazendas e assaltos provocados pelos Maxacalis para conseguir alimentos, Itatuitim afirmou que sua dispensa nada tem a ver com a situação daqueles índios ("problema antigo") e deveu-se, principalmente, à interferência direta do ministro Rangel Reis, do Interior, "que desejava colocar no cargo uma pessoa que não prejudicasse os interesses do Ministério". A portaria de sua dispensa, de acordo com o ex-delegado, não apresenta qualquer justificativa e foi considerada pelo general Ismarth de Oliveira como um "ato de rotina". Itatuitim continua como funcionário da Funai, "aguardando instruções".

Acusado de corrupto por um jornal mineiro, Itatuitim admitiu que talvez tenha praticado alguns atos administrativos contrários às normas da Funai, "como, por exemplo, não enviar ofício ao presidente do órgão pedindo a liberação de verbas para comprar remédios para um índio doente ou para aceitar doações". Em muitos desses casos, como explicou, o ex-delegado foi obrigado a usar de seu próprio dinheiro para prestar assistência aos índios e "até para pagar a conta telefônica da sede da delegacia", porque a verba destinada pela Funai era insuficiente.

A 11.ª Delegacia da Funai, sediada em Governador Valadares, tem a responsabilidade, além do Posto Indígena dos Maxacalis, sobre a "Fazenda Guarani", no município de Carmesia, em Minas; sobre o Posto Indígena Xacriaba, município de Itacarambi, também em Minas; sobre o Posto Indígena Pataxo, em Porto Seguro, na Bahia, e sobre o Posto Indígena Caramuru — Paraguassu, também na Bahia. Em todos esses, segundo Itatuitim, a Funai enfrenta problemas com posseiros, alguns deles pessoas que arrendaram terras das reservas no tempo do SPI e, ainda hoje, pagam vinte centavos por hectare ao ano, como no Posto Caramuru, onde existem extensas lavouras de cacau e explorações agropastoris. Outro problema sério que aquela delegacia enfrenta, de acordo com o ex-delegado, é estar trabalhando com índios já aculturados, "que são os mais difíceis, pois não tem sua situação legal definida".

De acordo com Itatuitim, desde 1957, os índios Maxacalis "inquietavam o governo de Minas, porque com a invasão de suas terras e o alcoolismo disseminado na tribo pela população envolvente e invasora dessas glebas, "eles haviam se transformado em bandoleiros de estrada, matando para saciar a fome o gado que encontravam". Ainda hoje, segundo Itatuitim, os proprietários das fazendas vizinhas à área indígena estimulam o alcoolismo entre eles, "porque sabem que quanto mais os índios forem mal vistos, mais fácil será tomar a terra deles".

No começo da década de 60, por meio de convênio entre o extinto SPI e o governo mineiro, foi enviado para a região um contingente militar chefiado

do pelo capitão Manuel dos Santos Pinheiro, para tentar pacificar a situação. Os índios passaram, então, a viver confinados em suas reservas, em regime de quase prisão, e ali poderiam apenas cuidar de suas lavouras, sem deixar a área da reserva". O confinamento era tamanho — afirma Itatuitim — que índios de outras regiões do País, que eram considerados bebedores ou arruaceiros eram encaminhados para a reserva Maxacali, para um período de aprendizagem". O capitão Pinheiro "cumpriu tão exatamente sua missão" que foi efetivado na chefia da ajudancia até 1972, quando Itatuitim foi convidado a chefiar a delegacia que a Funai criaria na região.

Com a chegada de Itatuitim — conforme sua própria explicação — o governo de Estado de Minas, que praticamente vinha respondendo pela manutenção da ordem na região, retirou o efetivo militar que estava à disposição do posto e a própria Funai encarregou-se de retirar outros funcionários, como um agrônomo que vinha assessorando os índios na sua lavoura. Sem apoio oficial e "sem a presença de uma autoridade militar, que impõe respeito no meio rural", os poderosos fazendeiros da região começaram a influir no animo dos índios e a estimular o alcoolismo e as práticas ilegais entre eles, "porque desejavam ampliar suas propriedades e a área das reservas maxacali e reconhecidamente uma das de melhor qualidade de toda a região".

O grande erro que Itatuitim acha ter cometido, durante toda sua administração na Delegacia de Governador Valadares, seguindo ele próprio afirma, é "ter agido com índio que sou e não como civilizado". "Infelizmente — conclui ele —, durante os três anos que servi naquele posto, vi fracassadas todas as minhas tentativas de acudir eficientemente as carências daqueles nossos irmãos índios. Se tivesse da Funai o apoio que teve o capitão Pinheiro, de certo, os maxacalis não constituiriam, hoje, problema para o Estado de Minas nem para o órgão que tem a missão constitucional de protegê-los".